

Actas do 13º Congresso Nacional de Psicologia da Saúde

Organizado por Henrique Pereira, Samuel Monteiro, Graça Esgalhado, Ana Cunha, & Isabel Leal

30 de Janeiro a 1 de Fevereiro de 2020, Covilhã: Faculdade de Ciências da Saúde

## **A IMPORTÂNCIA DO OBJETO TRANSACIONAL NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA ATRAVÉS DAS GERAÇÕES E CULTURAS**

Ana Mateus Silva<sup>1</sup> (✉ [aisilva@cemri.uab.pt](mailto:aisilva@cemri.uab.pt))

<sup>1</sup>Universidade Aberta, CEMRI-SCD, Lisboa, Portugal

“As brincadeiras das crianças podem-nos parecer, por vezes, frágeis e encantadoras, por outras turbulentas, ruidosas, ingénuas, simplesmente idiotas, ou perturbadoramente semelhantes às acções e atitudes dos adultos” (Garvey, 1992, p. 7).

Numerosos são os trabalhos e obras que nos falam no desenvolvimento físico e psicológico da criança e da sua importância, particularmente, nos primeiros anos de vida para a sua vida futura.

O bebé apercebe-se do mundo através de tudo quanto a mãe faça: com o rosto, voz, corpo e mãos. O entrecorrer contínuo da relação com a mãe fornece ao bebé o princípio da sua experiência com o material da comunicação e das ligações humanas, o que podemos considerar as primeiras interações sociais entre a criança e o mundo que a rodeia. Estas interações serão diferentes dependendo da cultura onde está inserida (Ramos, 1990; Silva, 2011).

As relações emocionais afetivas das crianças são a base mais importante para o desenvolvimento intelectual e social. Por sua vez, as interações pessoais ajudam as crianças a distinguir quais os comportamentos mais adequados, aprendendo através do dar e receber entre as crianças e os adultos que cuidam delas. Estas relações vão proporcionar à criança aprender a pensar (Brazelton & Greenspan, 2003; Silva, 2011).

As crianças normalmente apresentam um comportamento de apertar com muita força na mão e levarem à boca para chuchar um objeto, na maioria das vezes macio; esse objeto pode ser uma fralda de pano, um pedaço de cobertor, um lençol, um peluche, entre outros, como podemos

ver na fotografia 1e 2, as quais foram cedidas pelos respectivos pais. A este objeto Winnicott (1951-1953) deu a definição psicanalítica de objeto transacional (Winnicott, 1975).



*Figura 1.* Doudu (Autora: Mónica Mourão, 2019)



*Figura 2.* Henry (Autora: Ménita Barroso, 2010)

Esta experiência da criança, segundo Winnicott (1975), é muito importante, na medida em que é escolhida e não por acaso, antes voluntariamente e com determinação, representa a primeira posse não-eu do bebé. Pudemos verificar, nas várias crianças que observamos e das entrevistas que fizemos às mães, que a criança mesmo incentivada a mudar de objeto não aceita e atira o mesmo ao chão. Como nos refere uma mãe: “Tentamos outros animais de pano, mas ela recusava sempre”.

Algumas palavras sobre o adolescente tornam-se necessárias neste espaço, por considerarmos a relação entre a existência ou não do objeto transacional e alguns comportamentos ou atitudes na adolescência. Adolescente significa em latim “crescer” e indica um período de mudanças. Assim, adolescência é caracterizada, essencialmente, por alterações sequenciais e interligadas, que vão desde o corpo, ao pensamento, à vida social e ao Eu (Reymond, 1983; Silva 2004). No que respeita ao quando tem início a adolescência não existe um consenso, sendo por muitos discutido. Segundo Cordeiro (1997), este período vai desde os 10 anos aos 19 anos, para outros autores o início começa aos 11 anos e finaliza com a entrada no mercado de trabalho.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), os limites cronológicos da adolescência são definidos entre os 10 e 19 anos, enquanto pela Organização das Nações Unidas (ONU) situam-se entre os 15 e 24 anos, critério este usado principalmente para fins estatísticos e políticos. Usa-se também o termo jovens adultos para englobar a faixa etária dos 20 a 24 anos de idade. Atualmente é comum, mais por conveniência, agrupar ambos os critérios e denominar adolescência e juventude ou adolescentes e jovens em programas comunitários, englobando assim os estudantes universitários e também os jovens que ingressam nas forças armadas ou participam de projetos de suporte social denominado de protagonismo juvenil (Eisenstein, 2005).

A autonomia corresponde assim a uma das tarefas mais importantes da adolescência (Fleming, 2004). O processo de transição da dependência para a autonomia corresponde a uma etapa longa e densa a nível emocional e a nível de conflitualidade psicológica (Steinberg, 1987, cit. in Fleming, 2004). A autonomia encontra-se, portanto, ligada a um processo de individuação, de separação e de formação de identidade, envolve um movimento de independência em relação aos pais na tomada de decisão, nos valores, um desapego emocional e comportamental (Steinberg, 1985, cit. in Stephen, Eastman, & Cornelius, 1988). A autonomia encontra-se no centro das reflexões ligadas à adolescência e os estudos e reflexões sobre esta têm-se tornado sistemáticos ao longo dos anos (Steinberg, 1987, cit. in Fleming, 2004). O desenvolvimento da autonomia no início da adolescência sempre despertou muito interesse em teóricos e investigadores empíricos interessados no desenvolvimento psicossocial desta fase, sendo atualmente um tema de interesse.

## OBJETIVO DA INVESTIGAÇÃO

Esta investigação teve início em 2000 numa Unidade Curricular do Mestrado Comunicação em Saúde na Universidade Aberta e à qual demos continuidade em 2010. No estudo em 2000 o nosso objetivo foi identificar se as crianças tinham objeto transacional e qual a sua relação com os mesmos. Em 2010 o nosso objetivo principal foi verificar se havia alguma relação entre as crianças que tinham objeto transacional e o grau de autonomia na adolescência.

## MÉTODO

### *Participantes*

Em 2000 a amostra não probabilística de conveniência foi composta por 20 crianças (7 do género masculino e 13 do género feminino) com idades compreendidas entre os 3-5 anos: 10 crianças viviam na Ilha de São Miguel, Açores na freguesia de Arrifes, arredores da cidade de Ponta Delgada, a que damos o nome de grupo n.º 1 e 10 vivem em Santarém, Portugal Continental, grupo n.º 2.

O critério de inclusão foi frequentarem o mesmo infantário.

Em 2010, a amostra foi constituída pelos mesmos 20 adolescentes com idades compreendidas entre os 13 e os 15 anos.

### *Procedimentos*

Realizámos um estudo comparativo entre a ilha de São Miguel (Açores) e Portugal Continental.

A presente investigação é quantitativa, descritiva e longitudinal.

### *Material*

Na investigação realizada em 2000 utilizámos entrevista aos pais e observação em sala de infantário das 20 crianças; em 2010 utilizámos

entrevistas aos adolescentes e aplicação de um questionário elaborado por nós, tendo por base o Questionário de Autonomia nos Adolescentes (Noom, 1999, adaptado por Graça, Calheiros, & Martins, 2010).

Este questionário foi composto por 14 perguntas tipo Likert, com escala de respostas de 5 pontos (1=Nada característico de mim; 5=Muito característico de mim), que refletem o grau em que os jovens são autónomos em relação a quatro dimensões. A primeira dimensão com 5 perguntas diz respeito à autodeterminação, corresponde a uma conduta confiante e autorregulada. A segunda dimensão com 3 perguntas é relativa à independência que corresponde a uma conduta em que sozinho(a) consegue ter iniciativa. A terceira dimensão com 3 perguntas, a Autonomia cognitiva diz respeito à capacidade do jovem tomar decisões e estabelecer objetivos pessoais. A quarta dimensão com 3 perguntas, a Autonomia emocional refere-se ao sentimento de autoconfiança e ausência de necessidade excessiva de validação social.

## RESULTADOS

As crianças do grupo n.º 1 viviam em famílias alargadas, em que toda a família cuida das crianças, mesmo aquelas que vão para o jardim-de-infância, a meio do dia, os avós ou tios vão buscá-las.

Em termos de escolaridade, 16 pais têm o ensino secundário e 4 licenciatura, os avós 16 possuem o ensino básico e 4 o secundário.

Há uma grande interação entre toda a família e uma grande interajuda; as tarefas são divididas, sendo a criança o centro das atenções de todos. Há muita estimulação das crianças e um grande incentivo por parte essencialmente dos avós para que a criança tenha um objeto de relação – um objeto preferido; tentam incentivar a criança desde muito cedo (6-8 meses) a escolher um objeto. Para estas avós é essencial que a criança goste de alguma coisa para mais tarde saber viver, e dizem-nos: “Já a minha mãe me educou assim, e ajudou a criar a minha filha e ela é feliz”. Quando deitam as crianças colocam ao lado alguns peluches e bonecas. É de salientar que as mães trabalham fora, mas as avós estão em casa e, por vezes, algumas tias.

As crianças têm sempre um espaço reservado para brincarem, um sótão (conhecido como falsa) ou um anexo na casa, onde elas possam estar a brincarem como e quando quiserem.

Pudemos constatar através da observação das crianças que o objeto transacional é um companheiro evolutivo e metacognitivo, que representa a própria história da criança e a sua vivência no mundo, como se pode verificar no quando n.º 1.

### Quadro 1

#### *Relação criança objeto transacional do grupo 1*

Criança	Idade	Objeto transacional	Fala com o objeto transacional	O objeto transacional responde	O objeto transacional tem sentimentos
David	4 anos	cãozinho – Totó	sim	sim	sim, idênticos aos da criança
Inês	5 anos	um ursinho – Ursinho	sim	sim	sim, idênticos aos da criança
Alice	4 anos	peluche – Tigrezinho	sim	sim	sim, diferentes dos da criança
Cátia	3 anos	boneca – Boneca	sim	sim	sim, diferentes dos da criança
Ricardo	4 anos	gato de peluche – Amigo	sim	não	sim, idênticos aos da criança
Ana Sofia	4 anos	boneca – Lili	sim	não	sim, idênticos aos da criança
Susana	5 anos	boneca – Sofia	sim	não	não
Luís	4 anos	cão de peluche – Begas	sim	sim	sim, idênticos aos da criança
Ana Luísa	5 anos	cadela de peluche – Jaqui	sim	não	não
João	4 anos	boneco – Rechonchas	sim	sim	sim, diferentes dos da criança

Da nossa observação, estas crianças ao falarem com os objetos transacionais, estes escutam-nas durante horas, dão-lhes tempo e espaço para exprimirem os seus pensamentos e depois de refletirem sobre aquilo que disseram, para amadurecerem, as suas ideias e conceções do mundo.

Na maior parte dos casos, ninguém diz à criança o que deve fazer com o seu peluche, no entanto, e interpretando os diálogos com o peluche, a

criança tem bem consciência de dever submeter-se a muitas obrigações e deveres que poderiam exprimir-se através do objeto: “Só com o meu peluche posso ser mesma, eu própria, não fazer aquilo que agrada aos outros. Com esta certeza posso suportar melhor as dificuldades quotidianas”.

As crianças do grupo n.º 2 vivem em famílias nucleares, em que não há suporte de família alargada à exceção de algum período de férias em que, por vezes, cuidam delas. As crianças ficam nos jardins-de-infância e, quando estes fecham, vão para a ama. Os pais trabalham em Lisboa ou arredores e as mães por turnos e com duplo emprego. Relativamente à escolaridade, 25 pais possuem o ensino secundário e 15 licenciatura. Vivem em apartamentos em que o quarto de dormir é também o quarto de brincar onde têm televisão com vídeo. É em frente à televisão que a criança passa a grande parte do tempo quando está em casa a ver cassetes de vídeo ou programas da televisão. Os pais referem que não têm tempo para estarem com elas, não sabem se a criança tem ou teve algum objeto transacional e pensam que elas têm tudo o que precisam, porque tudo o que pedem têm e isto é o mais importante.

## Quadro 2

### *Relação criança objeto transacional do grupo 2*

Criança	Idade	Objeto transacional	Fala com o objeto transacional	O objeto transacional responde	O objeto transacional tem sentimentos
Margarida	4 anos	não tem			
Elsa	5 anos	um ursinho – João	não	não	não
João Pedro	4 anos	não tem			
Filipa	4 anos	fralda – Ah, Ah	não	não	não
Rute	4 anos	não tem			
José	4 anos	fralda de pano – sem nome	não	não	não
Maria	4 anos	casaco da mãe	não	não	não
Raquel	4 anos	não tem			
João Pedro	5 anos	cão de peluche – Snoopy	sim	não	não
Beatriz	4 anos	boneco – Carlos	sim	sim	Sim, diferentes dos da criança

Como se pode verificar pelo quadro anterior, 4 destas crianças não têm objeto transacional, 6 têm, mas só duas falam com o objeto transacional e apenas numa observamos que o objeto transacional tinha sentimentos. Sabemos que os pais destas crianças não incentivam o diálogo com os bonecos e até pensam que este comportamento é anômalo.

Se compararmos a relação destas crianças com as que observamos na primeira situação, verificamos grandes diferenças essencialmente na criatividade, na imaginação, no autocontrole e na socialização.

### Quadro 3

#### *Adolescente e nível de autonomia do grupo 1*

Adolescente	Auto-determinação	Independência	Autonomia cognitiva	Autonomia emocional	Média
David	4	5	5	4	5
Inês	4	5	4	5	5
Alice	5	4	5	4	5
Cátia	4	4	4	5	4
Ricardo	2	3	2	2	2
Ana Sofia	2	3	3	2	3
Susana	1	2	2	3	2
Luís	4	4	4	4	4
Ana Luísa	5	5	5	4	5
João	4	5	5	5	5

### Quadro 4

#### *Adolescente e nível de autonomia do grupo 2*

Adolescente	Auto-determinação	Independência	Autonomia cognitiva	Autonomia emocional	Média
Margarida	2	3	2	3	3
Elsa	2	3	2	2	2
João Pedro	3	2	3	2	3
Filipa	2	3	2	2	2
Rute	2	3	2	2	2
José	2	3	3	2	3
Maria	1	2	2	3	2
Raquel	2	2	3	2	2
João Pedro	5	5	5	4	5
Beatriz	2	2	2	3	2

Podemos verificar que as crianças que tiveram objeto transacional têm um grau maior de autonomia na adolescência de acordo com o questionário que foi aplicado e pelos valores que obtivemos (Quadros 3 e 4). No Quadro 3 os adolescentes apresentam-se mais autônomos do que os do Quadro 4. Lembre-se que em crianças no grupo n.º 1 a maioria tinha objeto transacional.

## DISCUSSÃO

Reconhece-se nas crianças do grupo n.º 1 a teoria de Winnicott, segundo a qual elas tinham um ambiente capaz de suportar que o indivíduo dele se discrimine ressaltando, no entanto, que é a presença imprescindível de um cuidado consistente nos momentos de separação que garante a possibilidade de o sujeito realmente ficar só (Winnicott, 1998), sem fracassar e sem se sentir abandonado.

Se compararmos culturas diferentes, segundo (Cyrulnik, 1989, cit. in Ramos, 2004; Lam et al., 1979, 1981, 1982; Lebovici, 1983), verifica-se que na mesma cultura e nas diferentes culturas, há grandes semelhanças e grandes diferenças, as quais vão oferecer certas particularidades ao desenvolvimento, autonomia e funcionamento psicológico da criança.

Desta reflexão, deixamos inscritas duas conclusões: a primeira que o objeto transacional foi muito importante para as crianças que observámos, ajudando-as a ficarem longe da mãe, a tornarem-se mais autônomas, a gerirem melhor os seus sentimentos; a segunda, já adolescentes, ao lembrarem-se do objecto/companheiro que tinham quando crianças, essa lembrança trazia-lhes o conforto e a segurança que sentiam em crianças.

## REFERÊNCIAS

- Brazelton, T., & Greenspan, S. (2003). *A criança e o seu mundo: Requisitos essenciais para o crescimento e aprendizagem*. Lisboa. Presença
- Cordeiro, M. (1997). *Dos 10 aos 15 anos: Adolescentes e Adolescência*. Lisboa: Quatro Margens.

- Eisenstein E. (2005). Adolescência: Definições, conceitos e critérios. *Adolescência e Saúde*, 2(2), 6-7.
- Erikson, E. H. (1972). *Identidade, juventude e crise*: Rio de Janeiro: Zahar.
- Fleming, M. (2004). *Adolescência e Autonomia*. Lisboa: Edições Afrontamento.
- Garvey, C. (1992). *Brincar*. Lisboa: Edições Salamandra.
- Graça, J., Calheiros, M., & Martins, A. (2010). Adaptação do Questionário de Autonomia nos Adolescentes (QAA) para a língua portuguesa. *Laboratório de Psicologia*, 8(2), 237-250.
- Stephen, A. S., Eastman, G., & Cornelius, S. (1988). Adolescent autonomy and parental stress. *Journal of Youth and Adolescence*, 17, 377-391.
- Ramos, N. (1990). *Colóquio viver (n)a cidade*. Lisboa: LNEC.
- Ramos, N. (2004). *Psicologia clínica e da saúde*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Reymond, R. B. (1983). *O desenvolvimento social da criança e do adolescente*. Lisboa: Editorial Aster.
- Winnicott, D. W. (1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago.
- Winnicott, D. W. (1998). *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas.